

CARLOS ALMIR FERREIRA

O médico e o poeta

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023



CAPÍTULO I

O HOMEM, O MÉDICO

Meu pai nasceu em uma cidade do interior do Amazonas de nome Remate de Males, uma espécie de Macondo de 100 anos de solidão. Cidade próspera devido ao grande movimento em busca de borracha, foi erguida na foz do rio Itaquai por volta de 1888 e foi considerada uma das mais importantes do Amazonas no início do século XX. Estima-se que chegou a ter, no auge, 2000 habitantes. Remate de Males possuía joalherias, bares, uma agência de vapores, bilhares, alfaiatarias, cabarés, funilarias, carpintarias, farmácia, barbearia, dentistas, um médico, advogados, um jornal, uma igreja, uma loja maçônica e até um vice-consulado do Peru. Alguns anos mais tarde simplesmente desapareceu do mapa, engolida pelo rio. O que dela restou permanece no fundo do rio, como um filme antigo, dentro de um baú imenso.



Outra informação curiosa é que, em 1930, o escritor e poeta Mário de Andrade, um dos grandes nomes do Modernismo, publicou o seu mais importante livro de poemas, com o título de Remate de Males, após passar pela cidade, em viagem que fez pela Amazônia. Ele achou o nome lindo e muito poético. De fato, é um nome muito especial.

Papai foi fruto de uma promessa de sua mãe a São José, pois o filho anterior de dona Chiquinha, que havia morrido ainda bebê, foi chamado também de Antenor. Dona Chiquinha, então, prometeu ao Santo, pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que se seu próximo filho vingasse iria se chamar José. Assim foi que ele recebeu o nome de José Antenor.

Dona Chiquinha era muito boa de coração, católica fervorosa e muito inteligente. Apesar de seu pouco estudo, era respeitada e conhecida na cidade, uma vez que tinha o costume de ajudar os humildes, com as portas de sua casa sempre abertas para os visitantes que estivessem necessitando de alimento.

Foram muitas as vezes que dona Chiquinha comprou e distribuiu brinquedos para as crianças. Fazia isso sem alarde. Gostava de fazer o bem e ajudar.

Tal característica não significava que ela era uma pessoa calma ou o estereótipo de boazinha; ao contrário, era muito ativa e já às cinco da manhã estava de pé, “brigando” com os meninos e dando ordens pela casa.

O meu avô paterno se chamava João Barbosa Ferreira, um grande produtor de borracha e comerciante local, talvez o maior produtor de borracha da região naqueles tempos. Ele fundou a sua firma juntamente com os herdeiros de seu ex-patrão, que teve por razão social “Barbosa, Cássio e Companhia”. Passados alguns anos,

vovô comprou a parte dos outros sócios, assumindo o controle definitivo da firma em 1947, migrando, a seguir, de Remate de Ma-les para Benjamin Constant, infelizmente ele faleceu antes do meu nascimento.

Chiquinha e João tiveram além de Antenor mais quatro filhos juntos: Raimundo, João, Aluízio e Graça. Meu avô tinha um filho de um outro relacionamento: Temístocles.

Todos os filhos sempre se deram bem. Ademais, tio Temístocles era calmo e sorridente, amigo de todos. Foi um grande pai, um bom marido e um excelente tio, deixando por onde passou boas lembranças, inclusive no seu local de trabalho, a Secretaria de Fazenda do Estado do Amazonas (SEFAZ).

Papai, quando pequeno, passava suas manhãs de menino do interior, ouvindo rádios peruanas, em espanhol, uma vez que não pegavam rádios brasileiras no Alto Solimões. Ele também gostava de brincar com os seus irmãos: de correr, de mexer com a terra, de fazer animaizinhos com as sementes. Era feliz, mas tinha um sonho, para a época e para as circunstâncias, impossível: ser médico.

Cansado de ver o sofrimento das pessoas, sem quase nenhum acesso à saúde, morrendo sem assistência ou, quando não morriam ficavam debilitadas para sempre, o menino já refletia como um velho.

Lembrava da vez que uma vizinha quase perdeu o bebê, da dificuldade e sofrimento que a família passou. O bebê já estava azul, todos choravam. O desespero tomou conta dos pais, dos vizinhos, de parte da cidade, que rezava e pedia a Deus pelo menino. Graças a Deus, o garoto sobreviveu, como que por milagre.

Cedo ele percebeu que a maior necessidade de onde ele morava era de médicos obstetras. E esse sempre foi o tipo de médico que

o menino Antenor queria ser. Ele usava a expressão: “Médico de fazer bebê nascer”.

Desde sempre, quando perguntado o que queria ser quando crescesse, repetia: “Médico! Médico! Médico!”.

Seu pai, de tanto ouvir o som da voz repetindo o seu sonho, resolveu de uma vez por todas atender o seu pedido. Foi assim que tomou a decisão mais difícil de sua vida, levou Antenor e os irmãos para Manaus e os matriculou em um colégio cujo regime era de internato. Só estudando, pensava, poderiam ser “alguém”.

Papai olhou pelo portão da escola já fechado a figura de vovô indo embora, o qual ainda olhou para trás, com olhar de dor, e seguiu em frente. Papai, ainda muito pequeno, correu como nunca havia corrido e saltou, agarrando-se ao portão, em desespero, chorando e gritando.

O meu pai sempre lembrava com profunda emoção da expressão do meu avô ao deixá-los aos cuidados dos padres do colégio em que ficou interno, como também de sua reação de criança.

Sabia que não teria a companhia de seu pai e de sua mãe durante todos os anos da vida escolar e os encontraria somente nas férias de final de ano...

Antenor começou seus estudos já tarde, aos 7 anos de idade. Ele contava que a vida no internato era dura, às vezes apanhava de alguns padres, não por ter feito algo de errado, mas simplesmente por motivos que nem ele sabia explicar. Contou de uma vez em que apanhou no intervalo da aula somente porque abriu um jornal para verificar a que horas iria chegar a embarcação, trazendo os seus pais, para poderem passar as férias de final de ano juntos, já que somente se reuniam uma vez por ano.

Levou um tapa com muita força e foi lançado contra uma cristaleira. Ao bater o rosto no vidro, recebeu um corte no rosto, de onde saiu muito sangue. Por essa razão, foi levado à enfermaria do colégio.

Lembrava, até dias antes de morrer, do impacto do rosto contra o vidro e do susto, já que não esperava um tapa. Lembrava até da dor imensa daquele momento. Ao recordar esse acontecimento, ele comentava: “A gente não podia fazer nada, Carlos. Era comum na época. Nós estávamos internos, então os pais, ao entregarem os filhos para que pudessem estudar diziam, para os responsáveis da escola: “Pode corrigir”.

Ainda assim, não contava essas lembranças com amargura, mas apenas como memórias. Ele era católico fervoroso e profundamente grato aos padres que o ensinaram as letras e as demais ciências.

Lembrava das brincadeiras no pátio da escola e com alegria contava que foi eleito o batedor de pênaltis oficial do time, ensinando com ar de sabedoria: “Bater pênalti é fácil, é só chutar no canto e forte”.

Apenas nas primeiras férias de meio de ano, ele e os irmãos aceitaram a sugestão do pai de passar férias na casa de um tio, com seus primos. Para eles foi surpresa perceberem que, na casa dos parentes de Manaus, foram tratados como empregados. Até pior, pois não comiam da mesma comida, nem sentavam juntos na mesma mesa. Enquanto os donos da casa almoçavam na mesa da sala, eles almoçavam na cozinha.

Meu pai contava que tomaram um susto ao perceber que não estavam autorizados a passar da cozinha, não brincavam com os primos, nem podiam fazer muita coisa. Barulho nem pensar.

Então, nas férias seguintes, preferiram ficar na escola mesmo. Lá com os outros amigos, jogavam futebol, conversavam ou

simplesmente refletiam sobre a vida. No caso do menino Antenor, ele gostava de ficar olhando para o pátio da escola, observando as folhas que caíam com o vento, ou a chuva, ou mesmo, pensando no sonho de sua vida, perguntando mentalmente: “Será que vou conseguir ser médico?”.

Recordava que os outros meninos de sua cidade às vezes caçoavam dele, rindo e debochando desse sonho, para eles ridículo.

Ele não se importava, para Antenor ser médico era tudo. Queria ajudar as pessoas como nunca foi ajudado, para ir além do que era esperado para um menino que nasceu em 1934 numa pequena cidade varrida do mapa pelas águas barrentas do rio.

Muitos de seus antepassados não possuíam diploma, assim como quase ninguém por ali.

Uma vez, o papai me levou para conhecer o antigo prédio do internato em que morou na infância. Rindo me mostrou a escada e me disse: “Daqui nós jogávamos as trouxas de roupa suja em cima do padre encarregado de buscá-las”. Ao vê-lo sorrindo com essa história, perguntei: “Como foi a sua infância?” Ele me respondeu rapidamente: “Eu não tive infância”.

Apesar de não ter um pingote de amargura, ele tinha plena consciência de que o fato de ser menino do interior, lá do Alto Solimões, e ter sido deixado interno em um colégio muito distante de sua casa, impossibilitou ele e seus irmãos de terem uma infância propriamente dita. Não foi um período triste porque sua alma era gigante, mas a felicidade de fato naquela época inexistiu.

Papai cursou todo o período da escola com brilhantismo, tirando as melhores notas, com o objetivo claro e permanente de ser médico.

Contava que os professores o elegeram para participar de uma gincana entre as escolas, representando o colégio. Disse a mim que

chegou à final, mas perdeu de propósito, porque não queria participar do evento nacional, pois achava aquilo gabolice e só participou porque foi obrigado.

Ao ter concluído o curso secundário, seus pais já se haviam mudado para Manaus, para assim poder ficar perto dos filhos. A vida ficou bem mais fácil, a família reuniu-se novamente.

Contudo, para ele, esse foi um período que durou pouco tempo, haja vista que em Manaus não era oferecido aos estudantes a possibilidade de se estudar Medicina. Basicamente existiam dois cursos, Pedagogia e Direito.

Então, após muito refletir, decidiu fazer o curso de Medicina em Recife, pois em suas pesquisas apurou boas referências a respeito do curso e do custo de vida, bem mais barato do que em São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo.

Antenor sabia que tinha poucas chances, já que nos grandes centros existiam as melhores escolas. Estudou com afinco e dedicação e, para a surpresa de muitos, foi aprovado no tão sonhado curso de Medicina.

Lá em Recife, ele morou numa pensão, daquelas em que se divide quarto e o banheiro é único para todos os hóspedes, ficando no final do corredor. Contava que a comida era ruim, as instalações também. Era um imóvel antigo e deteriorado, mas dividia o quarto com outros estudantes, que terminaram por se tornar seus melhores amigos, um era de Fortaleza, o Helder e, outro, o Arnaldo, da cidade de Gravatá, interior de Pernambuco.

Dessa época pouco se sabe de sua vida, apenas que ainda continuava um aluno brilhante, elogiado por seus colegas de turma e professores. De Recife guardou o gosto pelo doce mil folhas, pelo ritmo contagiante do frevo e pelas ruas e pontes da



CONTATO DO AUTOR:
calmirsbferreira@gmail.com



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Granjon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em julho de 2023.
